

ESCRITURA LAVRADA EM PAUTA E ALINHAVOS DE FÉ

Josimey Costa da Silva¹

São sete horas da manhã de quarta-feira.

O fotógrafo vai me encontrar na porta do hospital, e é para lá que estou indo agora. Para o *hospício*, o que seria uma denominação bastante mais precisa, mas isto não é muito correto politicamente. Talvez seja esta a razão porque a instituição é mais conhecida como hospital-colônia, seja lá o que a expressão queira dizer. O importante é que ele é o mais antigo manicômio da cidade, o único inteiramente público, o maior e mais mal-afamado de todos, além de impenetrável o suficiente para despertar o interesse do pauteiro meio sem idéias neste meio-de-semana. E quem melhor do que eu para fuçar uma matéria incerta, uma repórter iniciante e promissora na pulsação inquieta dos vinte anos de idade? O *iniciante* é um dado comprovável; o *promissora* fica por minha conta. Ou conto, que essa é a origem da minha verve agora assalariada como jornalística.

Não deixa de ser muito estimulante o estar fazendo uma reportagem investigativa, candidata a uma bela assinatura que me ice do anonimato em que eu despenquei tão logo aceitei ser repórter da pauta geral de um jornal diário. Alertaram-me para as dificuldades desta empreitada de hoje: não terei licença para entrar no nosocômio psiquiátrico. Como fazer isso? *Just use your imagination, baby*. Assim seja. Combinei com o fotógrafo paulista, loiro e louco, ligado na tomada vinte-e-quatro-horas por dia, que nós iríamos vestidos de branco. Doutor e doutora.

Claro que eu estou adorando tudo, sinto o ideal da profissão me empurrando apressado, ávido por tomar corpo por meio dos meus olhos, das minhas mãos, da minha letra depois estampada em fôrma no papel-jornal. Meu coração está me percutindo por dentro, a sensação é a mesma de caminhar ao lado de um trio elétrico, com todas as caixas de som vibrando decibéis insalubres não só nos tímpanos, mas também diretamente no estômago. Diante disto, é irrelevante que eu ganhe tão parcamente, tenha folgas de menos e escreva com a camisa-de-força da objetividade entre parênteses e das regras de redação técnica. Ainda assim, vou poder contar uma história, talvez até a *minha* história.

¹ Escritora, jornalista e professora universitária de Comunicação Social.

De longe, o grande prédio amarelo, patinado por tufos cinzentos, às vezes preteados, me ordena que eu assuma agora mesmo a concretude da ação, as divagações podem esperar. Sim, senhor, ouço e obedeço.

Aquele ali, encostado ao muro, é o fotógrafo. Está todo de branco, como eu mesma, e sustenta a bolsa de equipamentos a tiracolo. Grandes fatos para grandes fotos, peço-vos, ó, deuses dos jornalistas, atendei-me nesta hora, mesmo eu sendo meio atéia, ainda não tenho certeza do curso das minhas crenças, mas estou seguríssima do meu horizonte como jornalista. Esta é a minha fé inquestionável e este é o meu singelo apelo a todos vós. Haveis de concordar que eu não estou pedindo para salvar o mundo. Ainda.

- Falando sozinha? É a senha para entrar lá e nunca mais sair, *doutora*.

Milton, o fotógrafo. A minha língua estirada para ele é a melhor resposta que eu posso dar no momento. Penso em outra depois.

Espicho cuidadosamente o pescoço para olhar além do muro, que circunda um espaço razoavelmente amplo, o prédio feioso ao fundo. Devia ter sido um jardim algum dia, agora é só um estacionamento próprio com uns poucos carros e arbustos descabelados. A entrada principal do prédio está fechada, assim como todas as janelas do andar térreo. No segundo pavimento, algumas folhas de janelas periféricas pendem para fora, como asas de uma ave obscura congelada durante o vôo.

- Como está o movimento por lá? – pergunto, ansiosa.

- Por enquanto, tranqüilo. Os funcionários entram por uma porta lateral, aquela meio escondida entre as colunas. Está somente encostada, vi gente entrando sem usar chaves. Acho que não tem ninguém vigiando, pelo menos, olhando daqui.

Fácil demais, suspeita imediata dizendo presente no espírito. Deuses dos jornalistas... Respiro fundo.

- Vamos lá. Quando entrarmos, decidimos o passo seguinte.

Uma piscadela e um meio sorriso de quem está se divertindo, mas não quer demonstrar muito. Essa é a anuência de obturador de Milton. Deve ser cacoete de fotógrafo.

Ninguém a vista. Caminhamos devagar, com aparente tranqüilidade e um porte que pretendemos medicinal. Ninguém contesta porque não há pessoa alguma transitando pelo arremedo de jardim.

A porta.

Minha mão toca a madeira. Uma pressão pouco mais que suave descola a porta do umbral. Entro, decidida, Milton logo atrás de mim. Um corredor. As paredes são antigas, um pouco descascadas, o piso é de ladrilho escuro. A iluminação é fria e insuficiente. Algumas portas se alinham na extensão das paredes laterais. Um portão de barras verticais de ferro divide latitudinalmente o corredor, antecipando uma porta fechada na outra extremidade. Parece a passagem de nível de uma penitenciária. De um *bunker*.

Opto por uma das portas anteriores, de onde emergem ruídos confusos. Atrás dele, uma galeria curta expõe aventais azuis suspensos por ganchos ao nível da visão. Mais uma porta fechada ao fundo. Milton a indica com o queixo. Eu mencionei trio elétrico? Quero corrigir: um bloco de carnaval de rua soteropolitana inteirinho vibra agora nas minhas entranhas. Ainda assim, vou. Escancaro a porta para uma cozinha industrial cheia de funcionários em azáfama. Uns três ou quatro nos olham desconfiados, o restante nem tira os olhos das próprias mãos. Mesmo os que nos olham, não ousam nos questionar, e é como se ainda estivessemos atravessando o pseudo-jardim deserto.

Nem olho para Milton, mas sei que ele me segue. Passo pela cozinha como se fizesse isso todos os dias, porejando a autoconfiança de um militar graduado ao passar a tropa em revista. Do outro lado da cozinha, um balcão é a divisória para a copa. Além, mesas de refeitório coletivo com bancos ao largo. Alguns bandejões sujos de comida aqui e ali. Um tanto de comida inapetecível vaza para os tampos das mesas, para o chão. O cheiro de gordura escorre, viscoso, para dentro das minhas narinas. Uma barata foge, atlética, pelo piso esburacado.

Quero sair daqui. Agora. Ouvi-me, deuses?

Não há portas interrompendo o percurso entre a cozinha e uma sala mais ampla, que abre passagens para corredores em ambos os lados. Um portão na parede oposta à da cozinha, também com barras de ferro, mostra um pátio interno. Escolho, então, um dos corredores laterais e o enfrento. Ele termina com um novo portão barrado e uma funcionária gorda e sentada do outro lado, com chaves na cintura, são pedro em saias. Rumo reto para ela.

- Gostaria de entrar – e ela não precisa saber que eu ignoro onde.

- Vocês são estagiários?

Cruzo instantaneamente o meu olhar com o de Milton, que está impassível como a dianteira de um caminhão novo. Nem tenho idéia de como está a minha cara, que obviamente não é a de uma médica. A funcionária, que os deuses a bendigam, emprestou-me o rosto perfeito, já que evidentemente meu renome como psiquiatra não era ainda evidente.

- Começamos hoje.

- Ah, sim. Pois não, doutora.

Ela nos abre a porta do desespero.

Daqui de onde estou, percebo as paredes imundas, nacos de reboco arrancado, ladrilhos soltos ou ausentes. O cheiro não é muito melhor que o da cozinha, um leve amargor adocicado desvela o amontoado humano, o mofo da infiltração que vejo num dos vértices do corredor arde como pimenta a cada trago de ar. Já testemunho pacientes vagando em camisolões de hospital, as bundas de fora, os peitos desolados escapando pelos buracos das mangas. Uma ala feminina. Há mulheres sentadas no chão do corredor, alheadas. Outras, vem em nossa direção, riso frouxo de bocas banguelas, lambuzadas de baba. Em todas elas, os fios de cabelo brigam entre si para não ficarem naquele lugar, os braços hirsutos são pêndulos inarticulados, a voz é choro ou palavrão ou súplica ou nada.

Anjos decaídos, elas guardam, atrás de si, portas, muitas portas, todas abertas. Quartos. Nos quartos, apenas camas. Nas camas, corpos nus sobre colchões nus. Muitas mulheres dormem, narcolépticas. Vulvas expostas. Todas elas, carnes de refugio a garantir o recheio invisível da sociedade sã.

Deuses, vós ficásseis comigo para ver isto? Estais tomando nota dos detalhes de cada uma, um ser no universo, ou estais contando os números da multidão? Tendes ouvidos de ouvir ou emprestásseis os vossos para algum veículo tão distante quanto surdo? Tendes olhos para ver, ou transmitis estas imagens em linha direta, sem vos contaminar por este pranto, este estupor?

Não há resposta. Percebo que não há deuses neste lugar, não para elas.

Gostaria de retroceder, mas o ideal, aquele que me empurra, também mantém as lágrimas dentro das glândulas e os olhos em foco. Eu sigo. Uma das portas é um banheiro coletivo. Onde estão os vasos sanitários? Por que só existem buracos no chão, um caldo

escuro em extrusão pelas falhas do ladrilho e esse cheiro de mijo e merda grudado em tudo? Onde está a sala da enfermagem, onde estão os médicos? São oito e meia. Como podem dois estranhos perambular em uma instituição médica por tanto tempo sem serem jamais impedidos?

Só então, busco o fotógrafo com os olhos. Ele está fazendo exatamente o que deveria fazer e o meu horror embotou para mim. Espero infinitamente pelo fim das fotos e ele, enfim, vem. Não há mais bloco ou trio elétrico. Eu diria que nem há mais coração, já que não sinto a menor sístole. Só sinto frio. Deve ser a umidade, o cheiro, a paisagem de campo de concentração.

De volta à sala ampla, alcanço o portão do pátio. O sol, o ar livre, internos deambulam nus ou vestidos, todos homens. Nos olham com indiferença, vêem algo que não somos nós porque suas almas nos transfixam sem deixar pistas. Parecem-me tão miseráveis e esquecidos, tão sós quanto as mulheres com quem não compartilham sua solidão. À frente, outro portão, outro funcionário com chaves. Interrogo-o sobre o que ele vigia, é a ala administrativa. Quero falar com o diretor. Sésamo dócil.

Condições administrativas são efetivamente melhores, é o que constato. Nada muito novo, porém nada rasgado, nenhum dilaceramento. Anuncio-nos à secretária: repórteres. Gozo o espanto naquela face da administração.

O diretor nos recebe por trás da mesa escura e antiga. Parece solícito, mas há um sinal de alerta nas sobrancelhas contraídas. Conto toda a nossa saga, exijo explicações. O rosto dele fica vermelho, ele nos acusa de invasão e se recusa a dar qualquer depoimento.

- Se o senhor não falar, apenas a nossa versão dos fatos será publicada. E temos também as fotos.

- Saíam, eu já disse! Ou querem que chame a segurança?

Estando o argumento de que a segurança devia ser etérea, já que não havia se manifestado até o momento. São nove horas.

Saímos em silêncio. Do lado de fora do muro, Milton dá um urro de cachorro doido.

- Fotografei tudo! Cada ângulo que puta-que-pariu! Vou correndo pro jornal revelar.

Corra, Milton. Eu vou devagar. Estou arrumando palavras na minha cabeça para que elas possam sair pelos dedos. Pela boca, neste minuto, eu só posso gaguejar como gorgoleja um suicida.

São dez horas da manhã do domingo. O jornal está aberto na minha frente, o *meu* jornal. Não há nada nele, nem sequer uma linha sobre manicômios, pacientes, aqueles cheiros ou aquelas dores que os deuses deveriam ter testemunhado comigo. Não houve nenhuma linha publicada na quinta-feira, nem na sexta, nem no sábado. Pego o telefone e disco o número da casa do pauteiro.

- Irineu, a matéria não vai sair, não é?

- Não, minha querida, infelizmente – sinto o constrangimento dele percorrer o fio do telefone.

- Você disse que a denúncia merecia a primeira página.

- É, eu achei, mas... Na verdade, são questões editoriais, você sabe como é...

- Não sei. Diga-me.

- Tente entender, o diretor do hospital é amigo do editor e...

Desligo sem me despedir. Sem ler, sem ouvir e sem falar, apenas cumpro a lei desse silêncio epidêmico e exulcerante que começou convosco, deuses. Vós já estáveis, há muitas eras, mudos e surdos. Vós estais também cegos e dementes, vós nada escreveis e vossas linhas nem mais tortas são. São apenas *dead lines*.

Como elas. Como eu.